

“NÃO FOI SÓ PELO BEIJO”: UMA ANÁLISE DA REPERCUSSÃO DO “BEIJO GAY” NA TELENOVELA AMOR À VIDA A PARTIR DA LUTA POR RECONHECIMENTO

Pâmela Guimarães da Silva¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo empreender um esforço de análise sobre a disputa discursiva de sentidos em torno do *acontecimento* intitulado “beijo gay”- exibido na telenovela *Amor à vida* -, evidenciando como esse aspecto conflitivo diz de uma *luta por reconhecimento* e se desenvolve entre os públicos que se constituíram em decorrência do acontecimento. No intuito de olhar para os discursos desses públicos, foram colhidas nos sites de redes sociais *Facebook* e *Twitter* postagens que repercutem a referida cena e expressam diferentes posicionamentos do público espectador da telenovela.

Palavras-chave: Beijo gay. Acontecimento. Reconhecimento. Telenovela.

Introdução

O cotidiano é composto de pequenos *acontecimentos* que nos conformam. Esses pequenos *acontecimentos* mostram nosso lugar no mundo em suas várias esferas, da privada à pública. São nessas experiências cotidianas, com o outro, que o *reconhecimento* (do outro em relação a nós e nosso em relação a nós mesmos) se insere nesta ação de nos conformar, ou constituir o nosso *self*. Por vezes, no entanto, essa *interação relacional* é conflituosa ou não se configura. É nesse momento que emerge um sentimento de injustiça e irrompe-se uma *luta por reconhecimento*. Por vezes, no entanto, essa *luta* toma uma proporção coletiva, indicando que esse sentimento de injustiça foi sentido por um grupo e não por um só indivíduo.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apreender a disputa de sentido em torno do *acontecimento* intitulado beijo gay, exibido na telenovela *Amor à vida*². E, de forma

¹ Mestranda do Programa de Pós –Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). E-mail: pamelaguimaraes14@gmail.com

² Telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, que esteve no ar de 20 de maio de 2013 à 31 de Janeiro de 2014. Escrita por Walcyr Carrasco com colaboração de Daisy Chaves, Eliane Garcia, Daniel Berlinsky, Marcio Haiduck. Direção Geral de Mauro Mendonça Filho. Direção de Núcleo de Wolf Maya.

complementar, apresentar como a cena convocou, uma discussão sobre o *reconhecimento* da homossexualidade e suas nuances (um grupo marginalizado).

Para melhor embasar a análise dessa ocorrência, o artigo está dividido em três partes que articulam alguns conceitos teóricos. A primeira apropria-se do conceito de *acontecimento*, articulando as reflexões de Louis Quéré com outros autores que trabalham na mesma linha, mostrando como a cena agencia a dupla dimensão do *acontecimento* – seu *poder de afetação* e seu *poder hermenêutico*. A segunda mostra questões relativas às tensões sociais sobre a homossexualidade e suas nuances, filiamo-nos às contribuições do autor Honneth (2001) para desenvolvermos a análise teórica dessas questões conflituosas, como originadoras de uma *luta por reconhecimento*. A terceira tem por finalidade evidenciar de forma ilustrativa, como *acontecimento* foi individualizado, e seus atores sociais se posicionaram sobre a temática. Observamos particularmente como as *postagens* demarcam uma discussão a respeito da representação simbólica de padrões morais e culturais da sociedade brasileira fomentando o debate, de forma reflexiva, subsidiado pela obra ficcional, a respeito de questões que envolvem a *luta por reconhecimento*.

O “beijo gay” como *acontecimento*

“O beijo gay: um acontecimento que nunca acontecia”
Vanrochris Vieira, 2014³

A cena que figura de forma central no presente artigo foi ao ar no dia 31 de Janeiro de 2014, fazendo parte do último episódio da novela *Amor à vida*. Esse gênero televisivo carrega discursos que são veiculados diariamente para milhões de pessoas e alimentado por outros meios de comunicação, tais como jornais, revistas, entre outros, constituindo-se um importante lugar de construção de valores e de representações sobre a sociedade brasileira (SIMÕES, 2003). Em concordância com as proposições de Lopes (2003), a respeito da interação desse gênero com os padrões culturais, em uma dada sociedade, cremos que essas ficções descortinam um palco para representação e para construção de sentidos sobre a vida

³ Disponível em: <<http://grislab.com.br/beijo-gay-um-acontecimento-que-nunca-acontecia/>> Acesso em: 25 de agosto de 2014

pública e a vida privada (2003, p.32). Em outros termos, observamos a telenovela “por seu significado cultural” e por configurar um inventário de produções que permitem “entender a cultura e sociedade de que é expressão” (Lopes, 2004, p125).

A telenovela *Amor à Vida* se destacou ao inovar em seus discursos e representar/apresentar núcleos com personagens homossexuais, famílias homoparentais e algumas das tensões vividas por homossexuais atualmente, evitando estereótipos e apresentando um discurso opcional ao heteronormativo. Destacamos como contribuição mais significativa, o seu último episódio, onde a Rede Globo de Televisão exibiu, pela primeira vez, um beijo entre pessoas do mesmo sexo, o chamado “beijo gay”. A expectativa da audiência em torno da exibição ou não da cena, *fomentou um espaço de debate público*. Poucas horas antes, era sabido que o beijo havia sido gravado, mas a expectativa ainda se sustentava, uma vez que em outros momentos, cenas similares foram gravadas, mas a emissora permitiu que fosse veiculada, como no caso da telenovela *América* (2005).

Essa expectativa da audiência chama-nos atenção para outra perspectiva comunicacional dessa ocorrência, que vai além do fato da telenovela ser um produto de um gênero midiático específico. Ela nos faz olhar para a perspectiva *relacional e reflexiva* da interação entre a mídia e a sociedade. Apreendemos as cenas como esse momento de interação entre a telenovela e seu espectador, uma *experiência*, onde ambos participam igualmente na *(re)configuração de sentidos*. Segundo Dewey (2010), a experiência é uma transação entre criaturas vivas e ambiente, ambos sofrem e constituem igualmente o processo. A cena do beijo, nosso objeto, teve grande repercussão e destaque ao apresentar sentidos e significados diferentes dos tradicionais, tornou-se *uma experiência que se destacou das experiências rotineiras ou cotidianas*. E é, amparados por esse destaque proporcionado por essa ocorrência e dessa ruptura com a continuidade, que agenciamos o conceito de *acontecimento*, para classificar a cena. Segundo Quéré (2005), é da natureza de um acontecimento, escapar ao controle ou a previsibilidade totais. Ainda segundo o autor, o *acontecimento* desdobra-se para o passado e alonga-se para o futuro, tal dualidade resulta que o *acontecimento* seja, simultaneamente, explicável e explicativo. Maurice Mouillaud (1989) diz ainda, que “O *acontecimento* faz falar”. O fato em si durou poucos segundos, mas sua repercussão foi gigantesca e imediata. Minutos após a cena ir ao ar, as redes sociais foram

tomadas pelas manifestações (contrárias e favoráveis) em relação à ocorrência, as quais duraram algumas semanas e refletiram em outros produtos midiáticos como, jornais, telejornais, revistas, programas de entretenimento e nas novelas seguintes, veiculadas pela mesma emissora.

Essa ocorrência se destacou na história da teledramaturgia brasileira, indubitavelmente trata-se de um marco, mas também assumiu um papel diferente, ou vários papéis diferentes, nas histórias (pessoais) dos públicos que lidam diariamente com questões relativas à homossexualidade. O autor Walcyr Carrasco, em entrevista ao programa *Altas Horas*⁴, afirmou ter recebido diversas cartas dos telespectadores homossexuais ou com parentes homossexuais que, após a exibição da telenovela, passaram a assumir ou aceitar a homossexualidade de maneira mais natural, com menos receio de enfrentar homofobia. Embora a cena tenha sido produzida e houvesse uma expectativa quanto a sua ocorrência, o *potencial de afetação* desencadeada por ela, não tinha como ser controlado ou previsto. Para além da *imprevisibilidade* e de *romper com essa continuidade* de um posicionamento da emissora que abraçava conceder visibilidade ao debate, no campo informativo e noticioso, mas que optava por não exibir abertamente uma cena ficcional, esse acontecimento apresenta um outro potencial, o hermenêutico. De um ponto de vista hermenêutico, a visibilidade à existência da intimidade/afeto entre pessoas do mesmo sexo foi reveladora, não somente por inserir o debate na trama social, mas por iluminar os problemas enfrentados por esses públicos.

O *acontecimento* – em seu poder hermenêutico - destacou uma questão polêmica na sociedade, a saber: a homossexualidade (como uma orientação sexual marginalizada). Ele publicizou na esfera cultural ficcional conflitos que embora digam da intimidade, passam à esfera pública na medida em que *afetam* diversos indivíduos e desencadeiam uma *luta por reconhecimento* desse coletivo marginalizado.

O reconhecimento e a telenovela

⁴ Altas Horas. Rio de Janeiro: Rede Globo, 17 de agosto de de 2013. Programa de TV. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/altas-horas/v/walcyr-carrasco-comenta-a-relacao-de-felix-e-cesar-em-amor-a-vida/2766174/>>

“Um problema tem que ser sentido para que seja possível enunciá-lo”

Dewey (1993, p.132)

Quando se está diante de conflitos que envolvem características particulares de determinado grupo social, por exemplo, a homossexualidade, e se busca uma forma para que ele seja acolhido no direito, é necessário falar em *reconhecimento* (Honneth). Acreditamos ser esse o caso do fenômeno acontecimental, objeto de nossa análise, exibida na maior produtora de telenovelas do país, a Rede Globo. Sempre que tratamos de grupos estigmatizados sendo representados em um espaço midiático, falamos sobre uma luta por igualdade ou reconhecimento da efetiva existência dos indivíduos que compõe esse grupo, através da visibilidade. A esse respeito a pesquisadora Ângela Marques (2002), diz:

Quando questões concernentes às deliberações a respeito da comunidade LGBT são abordadas por uma telenovela, elas ganham uma dimensão de visibilidade capaz de instaurar um debate público que convoca indivíduos e grupos a se posicionarem diante dos outros (MARQUES, 2002, p.2).

Essa abordagem deixa claro o *poder de afetação* e o *poder hermenêutico* concedido pela visibilidade. Segundo Quèrè (2005) “há acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia, sem que lhes atribuamos um valor particular e há aqueles que se revestem de especial importância”. Ou seja, no cotidiano, são essas “pequenas” *experiências*, enquanto processos intersubjetivos entre criatura viva e algum aspecto do ambiente no qual estamos inseridos, que nos conformam. Essa formação intersubjetiva dos indivíduos também é defendida por Mead (1993) em sua perspectiva interacional da constituição do *Self*. O autor Axel Honneth (2003) sustenta, de certa forma, o posicionamento desses autores ao dizer que o indivíduo está sempre vinculado em uma complexa rede de relações intersubjetivas cotidianas, que marcam o processo de negociação simbólica pelo reconhecimento. Apropriamo-nos da perspectiva de Honneth, a fim de mostrar como se dão essas relações intersubjetivas – experiências - que tornam o indivíduo “dependente” dessa legitimação para a constituição de sua identidade e para sua localização na sociedade.

Honneth é representante da terceira geração da Escola de Frankfurt, a qual trouxe contribuições significativas para analisar a importância dos fenômenos de mídia e da cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo. Segundo o autor, o reconhecimento ocorre por meio de um processo intersubjetivo, o qual ele chama de *luta*. Ele se inicia pela *experiência* do desrespeito as formas conhecidas de reconhecimento. São as formas de reconhecimento para o autor: o amor, o direito e a solidariedade. São *experiências* conflituosas correspondentes ao desrespeito, que geram essa luta: maus tratos/violação, privação de direitos e degradação moral/injúria. Para o autor a relação se acontece da seguinte forma:

Amor: esse nível do reconhecimento é a base da moralidade. É o nível responsável pelo desenvolvimento da *auto-confiança*. Relação explicada por algumas perspectivas da psicologia, demonstrando o desenrolar da relação mãe e filho, a dedicação afetiva. À primeira esfera de reconhecimento, o amor, corresponde às formas de desrespeito definidas por Honneth como *maus tratos e violação*.

Direito: esse nível também trata da autonomia, define o momento em que o indivíduo é tomado como moralmente responsável e passa a ser considerado capaz de participar das deliberações públicas. É o nível gerador do *auto-respeito*. À forma de reconhecimento do direito corresponde a forma de desrespeito é intitulada *privação de direitos*.

Solidariedade: A comunidade de valor julga se as características individuais do sujeito não vão de encontro aos valores morais daquela comunidade. Associa-se a *auto-estima* por valorizar as características individuais do sujeito. À forma de reconhecimento da solidariedade corresponde a forma de desrespeito da degradação moral e da injúria.

Essas esferas remetem a formas distintas de inserção dos indivíduos e suas práticas relacionais em suas *experiências* cotidianas. Segundo Marques (2002), Honneth estabelece a seguinte sistematização do reconhecimento: o indivíduo (relações afetivas), a pessoa (relações legais) e o sujeito (relações de solidariedade) (MARQUES, 2002, p. 8-9). E, por consequência, podemos dizer que esse *reconhecimento* ocorre em diferentes dimensões da vida cotidiana: no âmbito privado do amor, nas relações jurídicas, e na esfera da solidariedade social. Essas três formas explicam a origem das tensões sociais e as motivações morais dos conflitos. Portanto, as reações provocadas pelo sentimento de injustiça devem ser vistas como desencadeadoras

da luta por reconhecimento. Assim, podemos dizer que é, também, da dimensão do sensível a luta por reconhecimento.

Segundo Dewey (1993) “Um problema tem que ser sentido para que seja possível enunciar-lo”, os discursos colhidos em sites de redes sociais que serão mostradas a seguir, só foram possíveis a partir da *emergência do acontecimento e da passibilidade do público em decorrência desse acontecimento*. Não que os problemas não existissem, eles existiam, mas a cena trouxe a temática não somente para um nível público, como também para o campo do sensível. O sentimento de injustiça – do não reconhecimento- foi iluminado por esse acontecimento. “A *visibilidade* proporcionada pelos vários gêneros midiáticos contribui para a problematização social cotidiana das concepções convencionais, acerca das representações da homossexualidade, por exemplo”⁵.

O *acontecimento* “beijo gay” convocou uma conversa sobre todos esses níveis de problemas, por meio da visibilidade, mais do que isso, convocou os agentes sociais a se posicionarem (nas redes sociais e fora delas), que ocorreu de forma conflituosa, em alguns momentos. Ressaltamos que cabe falar em conflitos – interação de duas partes que tem propósitos incompatíveis (BELMAR, 2005, P.02) – porque: a) um dos desdobramentos deste *acontecimento*, foi justamente a formação de públicos que se “agruparam” em torno de propósitos comuns e se opuseram a outros públicos com discursos incompatíveis a seus propósitos; b) são desses conflitos que advém a *luta por reconhecimento*.

Nas redes: a repercussão

Diante do *exposto* partiremos para relacionar a teoria do reconhecimento com a repercussão conflituosa entre os públicos que se constituíram nas redes sociais em decorrência desse *acontecimento*. A escolha dessas plataformas se deve ao fato delas serem altamente interativas e possibilitarem manifestações de opiniões dos indivíduos, grupos e dos diversos meios de comunicação que repercutem seus conteúdos nessas redes. Os sites de redes sociais também são apresentados em diversas pesquisas, como locais de construção das identidades. Entendemos, portanto, essas plataformas como profícuas para observarmos a publicização dos discursos em relação a cena.

⁵ HAMBURGER. “Política e Novela”. In: *A TV aos 50*, p. 40.

10º interprogramas de mestrado FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Segundo dados da *Sysomos*, empresa de análise certificada pelo *Twitter*, o capítulo de encerramento da novela colocou *Amor à Vida* entre os *trending topics* do microblog. O último capítulo da trama, em que o personagem Félix (Mateus Solano) beija seu companheiro Niko (Thiago Fragoso), incentivou a publicação de mais de 600.000 tweets no Brasil. As hashtags relacionadas mais usadas pelos usuários foram: #BeijaFelixENiko, #FélixCésar, #beijogay e #bjogay. A repercussão também movimentou os usuários do *Facebook*, alguns usuários, inclusive, trocaram a foto de perfil pela imagem do beijo.



Figura 1 (Imagem: Reprodução Twitter)

No primeiro *post* (Figura1), o internauta faz referência ao deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP). O deputado presidiu, entre março e dezembro de 2013, a

Comissão de Direitos Humanos (CDHM) da Câmara. Ele, que durante esse mandato, foi protagonista de diversas polêmicas, ao fazer declarações públicas sobre sua não aceitação à homossexualidade, usando citações bíblicas para endossar seu posicionamento. Confundindo assim, seu papel de indivíduo detentor do direito de professar sua fé publicamente com seu papel de representante de uma coletividade. Nesse caso, especificamente, ele detinha o papel de um representante dos Direitos Humanos, ora sua rejeição ao reconhecimento dos direitos dos homossexuais, poderia ser considerada/interpretada como uma exclusão desses indivíduos da categoria humanos. Feliciano passou a ser a voz opositora do, também, deputado federal Jean Wyllys, ao defender o projeto de lei (hoje, arquivado) que revogava artigos de uma resolução do Conselho Federal de Psicologia que proíbe os psicólogos de oferecer tratamento para a cura da homossexualidade, pressupondo que essa orientação sexual corresponde à doença. Feliciano se opunha, ainda, à deliberação de projetos que visavam assegurar direitos à população LGBT.



Figura 2 (Imagem: Reprodução Twitter)

O *tweet* (Figura2), em nosso ponto de vista, mostra a necessidade de aproximação e aceitação da comunidade LGBT e se relaciona com o *reconhecimento* pelas vias da *auto-estima*, na

expressão de solidariedade aos grupos ou indivíduos

que se sentem ameaçados ou desrespeitados pela orientação sexual. Esta necessidade parece se confirmar ao observarmos os resultados da pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁶, divulgados no primeiro semestre de 2014. Segundo o Ipea 59% dos entrevistados ficam desconfortáveis ao ver um beijo entre dois homens ou entre duas mulheres. O levantamento identificou, no entanto, avanço na aceitação do princípio da igualdade dos direitos. Metade dos entrevistados concorda com a afirmação de que casais homossexuais devem ter os mesmos direitos de casais heterossexuais. Os resultados são importantes porque sugerem um conflito interno do indivíduo que aceita a existência de casais gays, mas sentem dificuldade em conviver com eles.

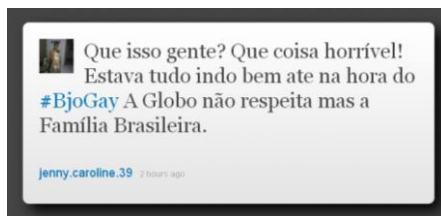


Figura 3 (Imagem: Reprodução Twitter)

O *post* ao lado (figura3) traz alguns pontos interessantes, a cena do “Beijo Gay” enfatizou o núcleo familiar antes da ocorrência do beijo em si. Não houve qualquer conotação de ordem sexual e a cena foi aglutinada em uma série de enquadramentos que remetiam à família, a uma rotina normal de um casal. A visibilidade

concedida ao tema, convoca ao debate, mas não se traduz em *respeito* automaticamente. O *post* em questão evidencia o preconceito em relação à família homoparental, a negação da existência pública desses indivíduos, inclusive excluindo essa configuração da condição de família. Ora, se uma cena de afeto entre uma família homoparental significa um desrespeito à família brasileira, logo aquela não é considerada uma família brasileira ou seria uma família em uma condição subalterna.

⁶ Disponível em < http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971>. Acesso em: 13 de setembro de 2014



Ministério da Justiça

17 de January at 11:39

Você sabia que um beijo entre pessoas do mesmo sexo não constitui qualquer inadequação para a classificação indicativa? O chamado "beijo gay" ainda é um tabu para muitos brasileiros e um tema delicado para emissoras e produtoras. Portanto, assim como um "beijo hetero" não é classificado, um beijo entre dois homens ou duas mulheres também não é!

Tem dúvida do que é ou não um conteúdo inadequado? Confira aqui o nosso manual: <http://bit.ly/1ddF4Z4>

Figura 4 (Imagem: Reprodução Facebook)

em que a maior emissora do país concede espaço e visibilidade para uma família homoparental e mostra o beijo entre personagens homossexuais, e ela alimenta/fomenta o debate na agenda pública por reconhecimento nas esferas da auto-confiança, do auto-respeito e da auto-estima.



Jean Wyllys

Mais do que quebrar um tabu no horário nobre da televisão, para o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ), o beijo entre os personagens Fé e Niko representou, acima de tudo, uma conquista para os ativistas pelos direitos sexuais e liberdades individuais. A torcida era tanta que promoveu a campanha #BeijaFelix nas redes sociais: <http://bit.ly/1guAo9A>

— "Vi o último capítulo aos prantos. A relação do Félix com o pai, Cesar (Antonio Fagundes) me comoveu e, claro, o beijo me emocionou bastante pelo cunho social e político. Fiquei satisfeito, feliz, histórico. Se faltasse o beijo, sobraria incoerência. Walcyr corou uma questão que muitos autores já vinham abordando" — comemora Jean.

(ASCOM)



Estudiosos e ativistas falam sobre a importância do beijo gay para a sociedade e para a...
oglobo.globo.com
"Se faltasse o beijo sobraria incoerência", afirma deputado Jean Wyllys

Figura 5 (Foto: Reprodução)

O Ministério da Justiça, em sua *fanpage* oficial ⁷ divulgou um *post* no dia 17 de janeiro, - duas semanas antes da cena ir ao ar, mas em tempo de discussões sobre essa possibilidade – esclarecendo aos internautas sequer constituía qualquer inadequação quanto classificação indicativa. O *post* ainda levantou sutilmente a questão da igualdade, ao comparar o chamado “beijo gay” ao beijo hétero. Nele é evidenciado o ponto de tensão/conflito que é levantado, no momento

Personalidades públicas também que se destacam pela representação de homossexuais no país, também se manifestaram positivamente. A cena não acaba com o preconceito, a luta ainda existe, mas se constitui em um ganho simbólico.

A telenovela tem uma inegável contribuição cultural no país. O deputado Jean Wyllys, ativista das causas gays, foi uma das figuras a encabeçar a campanha em prol do beijo, ajudando no envolvimento entre os discursos culturais e políticos.

O *post* a seguir foi recolhido um dia após a

⁷ Disponível em: < <https://www.facebook.com/JusticaGovBr?fref=ts> > . Acesso em 24 de maio de 2014.

exibição da cena e traduz o intuito das reflexões que fizemos até aqui no presente ensaio:



Figura 6 (Foto: Reprodução Facebook)

O autor da postagem destaca a potência da telenovela de mobilizar um debate em torno da agenda que envolve as demandas da comunidade LGBT na luta contra o preconceito e por reconhecimento, nas três esferas descritas por Honeth: 1) *auto-confiança*, ao aludir às liberdades individuais incluindo nelas a da livre orientação sexual; 2) *auto-respeito*, ao agenciar a importância das legislações que visam contemplar os direitos da comunidade LGBT; 3) *auto-estima*, ao se referenciar no convívio em sociedade, hoje, cada vez mais diversa e plural.

Considerações Finais:

Acreditamos que a telenovela ao incluir em suas tramas temáticas que conformam a agenda pública de debates que envolvem, em certa medida, a luta por reconhecimento, confere visibilidade a esses temas e mobilizam uma esfera de discussão em que o conflito social aparece. Podemos observar isso na cena do “Beijo Gay” que merecerá, de futuro, novas leituras e análises em termos de sua abrangência, oportunidade e potência de representação simbólica que envolve as lutas por direitos da comunidade LGBT e a legitimação da homossexualidade.

A abordagem conceitual escolhida, evidenciando a cena como um *acontecimento*, possibilitou-nos evidenciar o *poder hermenêutico* da ocorrência. Essa abordagem se fez relevante para que conseguíssemos olhar os discursos e as disputas de sentido que se seguiram ao acontecimento. Do ponto de vista dos discursos, eles apresentavam-nos conflitos entre as posições dos atores sociais. Do ponto de vista simbólico, a cena suscitou um *campo de possíveis para a (re)significação* sobre a homossexualidade. A oposição entre os atores sociais no fez buscar em Honneth uma base teórica para entender essa preocupação com a aceitação por parte do outro, essa interação em busca de uma legitimação, de reconhecimento.

Considerar, ainda, a repercussão nas redes sociais, permitiu não apenas contextualizar a cena numa ambiência em que a luta constante por reconhecimento se desenvolve no mundo social, em que a concomitância e o embate de diferentes opiniões que envolvem os direitos LGBTs e os núcleos familiares homoparentais se conflitam com os padrões morais tradicionais, hoje revistos e resignificados.

Acreditamos que a telenovela, produto ficcional de maior audiência na sociedade brasileira (Lopes, 2003) e de grande profusão na América Latina (Martín-Barbero, 2000), pelas vias do melodrama (aqui não pormenorizado) das questões e realidades de um determinado contexto sócio-cultural, evidencia o diálogo complexo que a ficção estabelece com a sociedade, a referencialidade, isto é, a capacidade de interagir com temas do cotidiano social e político, em específico em termos de reconhecimento e representação; assentando uma experiência.

Referências

- Dewey, J. (1927, 1984), The public and its problems. In: Jo Ann Boydston **John Dewey: The Later Works**, v. 2, Carbondale: Southern Illinois University Press, p. 235-372.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.
- DEWEY, J. **The public and its problems**. Chicago: Swallow Press, 1954.
- _____. L'acte d'expression. In: _____. **L'art comme expérience**. Pau: Farrago, 2005. p. 85-110.
- _____. Tendo uma experiência. In: LEME, Murilo O. R. P. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-105.
- FRANÇA, V. R. V. L. Quéré: dos modelos da comunicação. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo: UNISINOS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.
- HONNETH, A. 2001. Recognition or Redistribution? Changing Perspectives on the Moral Order of Society. **Theory, Culture & Society**, London, v. 18, n. 2-3, p. 43-55, June.
- _____. 2003a [1992]. Luta por reconhecimento: **a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: ed. 34.
- _____. 2003b. Redistribution as Recognition: a Response to Nancy Fraser. In: FRASER, N. & HONNETH, A. **Redistribution or Recognition: a Political-Philosophical Exchange**. London: Verso.
- _____. 2003c. The Point of Recognition: a Rejoinder to the Rejoinder. In: FRASER, N. & HONNETH, A. **Redistribution or Recognition: a Political-P**. London: Verso.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Revista Comunicação & Educação**, 25. São Paulo, jan/abr de 2003.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MARQUES, Angela Cristina S. Da Esfera Cultural à Esfera Política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002**.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus e REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**, São Paulo: Senac, 2000.
- MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad**. Ciudad de México: Paidós, 1993.
- MEAD, G. H. **Mind, self and society: from the standpoint of a social behavior**. Chicago: University of Chicago, 1934.
- MITTELL, Jason. **Television and American Culture**. New York: Oxford University Press, 2010.
- MOUILLAUD, Maurice (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. ed. 2. Brasília: UnB, 2002.
- MOTTER, M. L. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. In: **Revista USP**. n. 48. São Paulo: USP, dez/fev. 2000-2001. p. 74-87.
- QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajecto**, Lisboa: Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, n. 6, p. 59-76, 2005.
- SIMÕES, P.G. A produção discursiva de "Porto dos Milagres", diálogo com a realidade social e construção da identidade nacional. Anais do 26. **Congresso Brasileiro de Ciências da Informação**, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003.